

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A cicatriz que carrego comigo desde os meus 3 anos, a que fiz no pé esquerdo com o fundo de uma garrafa verde, é parte do meu património. Porque sendo cicatriz hoje, é reflexo da passagem do tempo (um dia foi uma ferida aberta no meu pé). Porque revejo nela um momento específico da minha história de vida. Porque a esse tempo me individualiza, na sua forma, no facto de estar alojada no meu pé esquerdo e não em todos os pés esquerdos de todos os homens e mulheres e crianças do mundo. Porque transporta consigo uma recordação (diria quase a única que tenho desse período da minha vida, ainda que possa até ser uma memória ‘emprestada’ pelos meus pais, e por conseguinte não ser efectivamente uma memória real do dia em que cortei o meu pé).

A minha cicatriz é ainda parte do meu património porque com ela estabeleço uma relação afectiva única que se torna também, e a esse tempo, a prova de que existi como pessoa aos três anos de idade, ainda que não me lembre desta minha condição de existência. A esse tempo estabeleço com ela também uma relação de estranheza. Uma estranheza espacio-temporal. De um espaço que não consigo reconhecer (não cresci nesse espaço e mesmo que tivesse crescido o tempo encarregar-se-ia de o transformar) e de um tempo que não recordo. A não ser (julgo) através das imagens que criei mentalmente desse espaço e desse momento e que resultam, insisto, no facto de essa história me ter sido, exaustivamente, contada ao longo dos anos, com uma descrição profunda de todos os factos que aqueles que me assistiram consideraram fundamentais e foram capazes de memorizar. Nesse sentido, a minha, é uma memória reconstruída, ou ‘emprestada’, partir da memória que outros construíram. Diria então, uma memória de segunda-mão. E, se tal facto (talvez pela gravidade que na época teve) não tivesse sido zelosamente guardado na memória

daqueles, então a minha memória provavelmente também não existiria e os factos que a compõem ter-se-iam perdido. Teria então, e tão só, uma cicatriz no meu pé esquerdo. E isso, mesmo que a cicatriz esteja no meu pé, não fazia dela necessariamente, um património meu. Porque tendo outros sinais físicos que me individualizam, não os refiro como existência específica.

O que dela faz meu património é o facto de saber também que a minha mãe, minutos antes de cortar o meu pé, me havia mandado calçar. Ela torna-se também património porque eu tinha vestido um bibe branco com pequenas flores vermelhas, bordadas na gola, que serviu naquele instante, e à falta de outra coisa melhor para estancar o sangue que jorrava do meu pé. Finalmente ainda, porque o jardim e o pátio onde eu brincava quando cortei o pé ficou, também ele, inundado de sangue, e tanto que o empregado da tia Pitró teve que passar toda a restante tarde a esfregar o chão e a ‘lavar’ a erva com a mangueira, ao mesmo tempo que chorava e dizia por entre as lágrimas “poor, poor child.... oh God, poor child”.

Estranhamente, ou talvez não, há algo de muito importante que não recordo. Não recordo a dor do golpe. Não recordo mesmo se terá existido dor (reconheço apenas a dor que hoje sinto sempre que está para chover! Se bem que às vezes dói e não chove, e outras chove e não dói!). E, numa criança de três anos que corta o pé esquerdo de uma forma tão grave (já agora do osso do tornozelo até quase ao centro do pé) seria de esperar a recordação da dor. Mas não (o que mais uma vez reforça o facto desta poder ser uma memória emprestada, porque naturalmente os meus pais não poderiam ter vivido a minha dor!). Mas recordo-me (ou não!) do bibe branco com flores vermelhas bordadas na gola. E também aqui reside a qualidade de património da minha cicatriz. Ela traz-me em simultâneo a presença e a ausência, a memória e o esquecimento.

Neste sentido, e como diria Marc Guillaume, se porventura conhecesse a história da minha cicatriz, ela representa em mim a

“memória material” do corte, isto é, materializa e simboliza um determinado acontecimento do meu passado, que eu decidi reter e valorizar. E dir-me-ia, ainda, que “Pouco importa que eles [os objectos e a minha cicatriz] deformem nessa ocasião o que realmente se passou, uma vez que ainda assim participam da significação presente que eu quero dar a esse passado”¹.

Por outro lado, e paradoxalmente, a minha cicatriz cumpre ainda uma outra função determinante. Sendo frequentemente um tema de conversa que remete para outras instâncias, a minha cicatriz representa também o amor dos meus pais revestido sobre a forma de preocupação que os faz, trinta anos depois, ainda recordar o acontecido. Mas também o carinho imenso do empregado da tia Pitró, que me achava imensa piada porque eu falava com ele, simultaneamente (entenda-se, na mesma frase) em três línguas diferentes (português, inglês e sul-africano) e que nessa tarde só parou de chorar quando eu regresssei do Hospital. E, entre muitas outras variantes da história que aqui já não cabem, a minha cicatriz ‘cicatrizou a dor’. Mais uma vez Guillaume iria intervir para dizer que, “são as transferências e os instrumentos do nosso ‘saber esquecer’, uma outra componente material do nosso património mnésico” porque, acrescentaria, “do mesmo modo que o sonho é o guardião do sono, eles [os objectos] são o guardião do esquecimento, esse ‘outro caminho da memória’”².

Então de que vive e sobrevive a minha cicatriz? Vive e sobrevive da sua materialidade e das “narrativas poéticas”³ múltiplas que se geraram em torno de si. Da ilustração de um tempo e espaço perdidos, para os meus pais e para mim. Mas também, e durante

¹ Guillaume, M. (2003). A Política do Património. Porto: Campo das Letras. p. 72

² Guillaume, M. (2003). A Política do Património. Porto: Campo das Letras. p. 72

³ Chagas, M. (2003). Imaginação Museal. Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (original, com autorização do autor, s.d.,s.p.)

muitos anos, da sua capacidade pedagógica e educativa (para a minha mãe tornou-se mais fácil desde então mandar-me calçar... estranhamente passados todos estes anos, e porque continuo a gostar de andar descalça, continua a servir-lhe de argumento).

Tal como a minha cicatriz, muitas outras cicatrizes são parte efectiva de patrimónios mais vastos, que a esse tempo, caracterizam e individualizam os seus legítimos ‘portadores’ e lhes conferem a sua própria individualidade e identidade. Os ‘dedos mágicos’ ou ‘unhas negras’ ou simplesmente chapeleiros de S. João da Madeira, são também herdeiros de muitas cicatrizes que se formaram ao longo de um tempo e num espaço de produção de chapéus, carregando consigo cicatrizes múltiplas, as suas e as de todos os que os precederam. Contudo, e de repente, essas cicatrizes ficaram sem casa, sem o seu lugar de sempre. A fábrica, guardiã moral e física dessas cicatrizes, encerrou.

E no contexto da degradação do lugar emergiram silêncios e vozes que se calaram ante o fim. As sombrias paredes da fábrica fechada faziam antever uma memória de lugar que não era porém em si uma existência, se não no que guardava de ausência. Entre o fim (o da fábrica) e um qualquer outro princípio (o do museu, nesse mesmo lugar ainda de ausências) jaziam (e jazem ainda) memórias silenciadas. Cicatrizes ocultas. Memórias do trabalho. Memórias do tempo e do lugar onde máquinas e homens cruzaram caminhos. Memórias de histórias por contar que resvalavam permanentemente de olhares que haviam sido únicos e por isso mesmo intransmissíveis. E, por isso ainda, olhares que toldaram essas mesmas memórias, olhares que souberam suavizar e que tantas vezes agigantaram as verdades simples de cada dia. Em cada dia. E entre a memória do trabalho e o trabalho da memória nasceu um lugar outro. Um lugar onde os silêncios de outrora dão espaço a vozes múltiplas, olhares dispersos, onde a(s) memórias(s) enquanto instrumento social não tem

compromisso com a verdade, mas antes com caminhos de verdade divisíveis.

Entre o fim da fábrica e o início do museu procurou-se entender o papel dessas memórias múltiplas no seio da construção ou das reconstruções de uma Identidade e o valor dessa identidade nova no contexto da afirmação cultural e social local. Procurou-se ainda entender o valor e papel do acto de conservação de objectos e memórias individuais inerente à criação deste museu, no contexto da recriação de uma memória social e consequentemente de uma identidade colectiva.